

Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

A VIOLÊNCIA NA MÍDIA

Autora: Rayssa Campos Gervazoni

Orientadora: Valéria Cristina Gomes de Castro

Janeiro de 2016

A VIOLÊNCIA NA MÍDIA

Autora: Rayssa Campos Gervazoni

Orientadora: Valéria Cristina Gomes de Castro

**Projeto de monografia apresentado à
Escola Politécnica de Saúde Joaquim
Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz
(EPSJV-Fiocruz) como requisito parcial
para aprovação no Curso Técnico em
Gerência em Saúde.**

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor de meu destino, meu guia, socorro presente na hora da angústia, ao meu pai Alexander Gervazoni, minha mãe Nathalie Campos, meus avós (Nanci e Francisco) e aos meus irmãos (Bernardo e Mirela), que iluminaram de maneira especial os meus pensamentos, a quem eu rogo todas as noites por fazerem parte da minha vida.

Agradeço a Deus, o centro e fundamento de tudo em minha vida, por renovar a cada momento a minha força e disposição e pelo discernimento concedido ao longo dessa jornada.

À minha orientadora, Prof.^a Valéria Castro, que acreditou em mim, que ouviu pacientemente as minhas considerações partilhando comigo as suas idéias, conhecimento e experiências e que sempre me motivou. Quero expressar o meu reconhecimento e admiração pela sua competência profissional por ser uma profissional extremamente qualificada e pela forma humana que conduziu minha orientação.

A minha amiga Cassiana Calarco, que de forma especial e carinhosa me deu força e coragem, me apoiando nos momentos de dificuldades, preocupando-se até com os problemas pessoais pelos quais passei durante esse período de construção da monografia, se tornando uma pessoa muito especial em minha vida.

Aos meus amigos e companheiros, Ana Carolina Nogueira, Matheus Andrade, Matheus Morais, Viviane Maria, Jéssica Lopes, Rayssa Marinho, Matheus Trajano, Tainá Lobo, Isabel Espindola, da EPSJV que me acompanhou durante quatro anos nessa estrada árdua e dura que é ser uma politécnica, e ter uma vida voltada inteiramente para uma escola integral.

Aos professores, Flávio Paixão e Valéria Carvalho, por participarem de minha primeira banca examinadora.

Agradeço as coordenações da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Labgestão e Labform.

Agradeço ao pessoal de apoio da secretaria escolar, por fazer dos meus longos dias na politécnica menos maçantes.

Dedico esse trabalho a todos que de alguma forma sofreram
algum tipo de violência.

*"É preciso amar as pessoas
Como se não houvesse amanhã
Porque se você parar pra pensar
Na verdade não há"
Legião Urbana.*

RESUMO

O objetivo deste trabalho é discutir a importância da mídia na difusão de informações sobre violência, analisando como as pessoas recebem as notícias veiculadas nos meios de comunicação. Buscaremos analisar os aspectos fundamentais que envolvem as mensagens transmitidas pelos principais meios de comunicação e as reações da população em geral sobre os fatos veiculados na mídia. A expressão da violência pode ocorrer de várias formas, desde uma discussão em casa, com uma simples briga entre casais, pais, filhos e outros familiares, como a violência ocorrida em maiores proporções no meio social. A população mais jovem também recebe um grande número de informações sobre violência, tanto pelos meios de comunicação mais tradicionais (televisão, rádio, jornais e outros), como mais recente por meio de novas tecnologias de informação (*whatsapp; internet; skype*, outros), que promovem maior velocidade a propagação dos assuntos, difundindo em tempo recorde muitos acontecimentos. Algumas mídias alternativas buscam desconstruir a ação hegemônica dos meios de comunicação, disputando opiniões e problematizando questões sobre violência, por meio da apresentação de outras perspectivas para os fatos vividos. No entanto, todas as formas de difusão de informações defendem interesses diversos e expressam valores presentes em nosso cotidiano.

Palavras-chave: (Violência/ Juventude/ Mídia Alternativa)

INTRODUÇÃO

Ao longo deste trabalho serão discutidos algumas questões relacionadas a difusão da violência nos meios de comunicação, e os problemas que pode trazer a vida dos indivíduos. Apresentaremos as diferentes formas de caracterização da violência, nos principais meios de comunicação e a forma que essa violência é discutida nos meios de comunicação. A violência é um ato que acontece em várias partes do mundo a todo o momento, podendo ser classificada sob a forma de agressões físicas, psicológicas mentais e moral, atingindo desde crianças até idosos, ocorrendo de modo geral, dificuldade da pessoa agredida em expor e denunciar o problema para que haja uma solução e uma punição aos responsáveis.

A violência não é um fenômeno isolado, unicausal e se manifesta sob diversas formas, algumas pesquisas brasileiras têm destacado, no entanto, o impacto da violência estrutural, intrafamiliar e institucional. De modo geral, essas formas de violência ganham visibilidade e disseminação nos meios de comunicação, tanto na ficção quanto no jornalismo, expressadas em textos e imagens. A todo o momento ocorre alguma forma de violência em algum lugar do mundo, e embora a tecnologia tenha tornado certos tipos de violência – terrorismo, guerras, rebeliões e tumultos civis – mais visíveis, indo parar nas audiências televisivas, um número cada vez maior de atos violentos ocorre sem ser visto nos lares, em locais de trabalho e mesmo em instituições sociais e médicas destinadas ao cuidado do público.

Muitas das vítimas são muito jovens, fracas ou doentes para se proteger, enquanto outras, por convenções ou pressões sociais, são forçadas a guardar silêncio sobre suas experiências. Da mesma forma que seus impactos, algumas causas da violência são facilmente constatadas, e outras se encontram profundamente enraizadas no tecido social, cultural e econômico da vida humana.

A mídia tem uma grande influência em todo esse movimento relacionado a violência, ela tem o papel de construir ou desconstruir ideias sobre um fato, ou até mesmo sua forma de pensar sobre atitudes, gestos, ou o ato de um indivíduo ou dele próprio.

Existem diversas formas de violência como: **violência física:** que acontece quando o indivíduo sofre uma ação ou omissão que coloque a integridade física de

algum indivíduo; **violência moral**: que consiste em difamar e expor o indivíduo de forma que sua honra esteja sendo afetada; **violência psicológica**: que acontece quando ocorre a humilhação, chantagem, difamação, cobrança de comportamento, discriminação desde por causa da de sua etnia até sua opção sexual, crítica ao seu comportamento sexual, exploração; É toda ação ou omissão que venha a causar danos a auto-estima, integridade moral, a identidade de algum indivíduo; **violência intra familiar**: que consiste na violência sofrida dentro da própria residência do agredido e o agressor é um membro da família que convive com a vítima. Na violência sofrida dentro da própria residência pode vir a ser a violência sexual, psicológica, moral, negligência, ou até mesmo, o abandono; **violência institucional**: causada pela desigualdade como: raça, opção sexual, diferença de gênero, diferença de classe social. Esse tipo de violência acontece a todo o momento, tornando-a a mais predominante em toda sociedade.

Nesta monografia, discutiremos a veiculação das mensagens sobre violência que sob diferentes aspectos, sem focar nenhuma situação específica, mas trazendo uma visão geral do problema. Assim, o objetivo geral aqui descrito, é compreender alguns aspectos da violência em nossa sociedade e suas principais expressões e sentidos construídos nos meios de comunicação sobre o problema. Como objetivos específicos, temos 1) Descrever as formas de violência que se expressam na sociedade; 2) Identificar alguns aspectos de como a mídia influencia as situações de violência na atualidade; 3) analisar alguns conceitos que ajudem a compreender o aspecto da violência na mídia. 4) alguns fatores envolvidos nas informações sobre violências para as populações mais vulneráveis; 4) Discutir as mídias alternativas na veiculação de informações sobre violência. 5) Apresentar um filme em que a questão da violência esteja retratada.

Este estudo se baseia em um estudo exploratório, que tem como estratégia de pesquisa a revisão da literatura e pesquisa de internet sobre notícias de jornais, revistas e sites específicos. A análise do material empírico buscou responder às seguintes questões: em que contexto surge essas informações? Como a mídia apresenta a violência? Que estratégias de comunicação são utilizadas nessas informações? Como a mídia alternativa veicula temas sobre violência?

A motivação desse estudo ocorre em função de muitas situações presentes em nosso dia a dia, e na percepção de que para muitas pessoas a forma como a violência é

informada e discutida nos meios de comunicação é considerado irrelevante ou mesmo despercebida, demonstrando que de modo geral, a sociedade é alienada em relação aos meios de comunicação hegemônicos. É um estudo inicial sobre o problema, que aponta um campo de possibilidades a ser explorado, discutido e analisado. O meu interesse inicial sobre o tema ocorreu a partir da vivência do componente Trabalho e Integração (TI), da Escola Politécnica Joaquim Venâncio (EPSJV), em que o tema violência foi desenvolvido em sua relação com as políticas públicas, especialmente as da saúde.

CAPÍTULO 1 – CONTEXTUALIZANDO A QUESTÃO DA VIOLÊNCIA

1. Discutindo Violência

A violência nos dias atuais é vivenciada por toda parte, e apresentada para população a todo o momento por meio de revistas, jornais, televisões, redes sociais, *internet* entre outros. Todavia, com a finalidade de compreendermos melhor sua ocorrência na sociedade atual, discutiremos o conceito de violência, buscando conceituá-la na forma como alguns autores analisam a questão. O termo deriva do latim *violentia* (que por sua vez é amplo deriva de vis, força, vigor); e refere-se à aplicação de força, sendo um fenômeno cultural e histórico presente em todos os períodos da humanidade em maior ou menor grau.

Alguns autores discutem o tema a partir das relações que se estabelece em relação a outras pessoas. Para Ferrari (2002), o termo violência implica na perda de autonomia, privação de uma vontade própria de uma pessoa que dominada ou é subjugada por outra, ao desejo e à vontade desta outra, se destaca nessa afirmação as relações hierarquizadas e autoritárias que subordina e oprime a outros. Para Gomes (2002:1), a violência existe, implícita ou explicitamente, no exercício de “abuso do poder, da força, seja ela física, psíquica ou moral, em uma relação assimétrica e desigual”. Pode-se assim, entender a violência como acontecimentos multifatoriais, pois causam uma desorganização emocional nos sujeitos, que deriva de uma relação de domínio, na qual alguém é tratado como objeto de manipulação e gozo do outro.

As relações de poder são compreendidas como a questão principal que permeia este assunto, no entanto, essas relações apresentam questões e conflitos que aparecem diferentemente entre as classes sociais. Conforme discute Chauí (1989), a violência se

traduz na realização de determinadas relações de força, que ocorrem tanto em termos de classes sociais, quanto em termos de inter-relações diretas entre as pessoas.

A abordagem sobre violência também aparece de forma diferenciada em diferentes contextos da sociedade, e nas últimas décadas a sociedade brasileira tem mudado na abordagem sobre o assunto. Nos anos 70, a discussão girava prioritariamente em torno da questão do menor institucionalizado, que ocupava o centro das atenções, já nos anos 80, a temática referente à violência se ampliou bastante, com abordagens mais variadas, acompanhando o agravamento da crise urbana e o importante debate sobre a situação da infância brasileira.

Segundo Minayo (2006), foi esse contexto que possibilitou a implantação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em 1990. A violência, porém, é observada em todas as sociedades, e não se conhece nenhuma sociedade totalmente isenta de violência, em todos os lugares o uso da força, do poder e de privilégios é utilizado para dominar, submeter e provocar danos a outros indivíduos, grupos e coletividades, havendo sociedades mais violentas que outras, evidenciando a importância da cultura na forma de solução de conflitos. Ainda a mesma autora, aponta outras diferenciações sobre o conceito, em que podemos observar diferentes tipos de violência, todas relacionadas, mas se diferenciando na formas em que se expressa na sociedade. Conforme descrito a seguir:

- **Violência criminal**

A violência criminal é praticada por meio de agressão grave às pessoas, por atentado à sua vida e aos seus bens e constitui objeto de prevenção e repressão por parte das forças de segurança pública: polícia, ministério público e poder judiciário.

- **Violência estrutural**

Refere-se às diferentes formas de manutenção das desigualdades sociais, culturais, de gênero, etárias e étnicas que produzem a miséria, a fome, e as várias formas de submissão e exploração de umas pessoas pelas outras. Mais cruel é a violência que mantém a miséria de grande parte da população do país. Todos os autores que estudam o fenômeno da miséria e da desigualdade social mostram que sua naturalização o torna o chão de onde brotam várias outras formas de relação violenta.

- **Violência institucional**

É aquela que acontece dentro das instituições, sobretudo por meio de suas regras, normas de funcionamento e relações burocráticas e políticas, reproduzindo as estruturas sociais injustas. Uma dessas modalidades de violência ocorre na forma como são oferecidos, negados ou negligenciados os serviços públicos.

- **Violência interpessoal**

A violência é, principalmente, uma forma de relação e de comunicação. Quando essa interação ocorre com prepotência, intimidação, discriminação, raiva, vingança e inveja, costumam produzir danos morais, psicológicos e físicos, inclusive morte, havendo, no entanto, a necessidade de se distinguir entre conflito e violência. O conflito sempre existiu nas relações entre casais, entre pais e filhos, entre vizinhos, entre chefes e subordinados, por exemplo.

- **Violência intrafamiliar**

Muita gente chama a violência que ocorre dentro das casas de violência doméstica. Nesse caso o foco da análise e da compreensão é o espaço do lar. Neste texto, assim como para outros autores, o conceito de violência é tratado como fruto e consequência de relações. Por esse motivo, damos preferência ao termo intrafamiliar, mas na prática, violência doméstica e violência intrafamiliar se referem ao mesmo problema. Ambos os termos dizem respeito aos conflitos familiares transformados em intolerância, abusos e opressão.

- **Violência cultural**

A violência cultural é aquela que se expressa por meio de valores, crenças e práticas, de tal modo repetido e reproduzido que se tornam naturalizados.

- **Violência de gênero**

Constitui-se em formas de opressão e de crueldade nas relações entre homens e mulheres, estruturalmente construídas, reproduzidas na cotidianidade e geralmente sofridas pelas mulheres. Esse tipo de violência se apresenta como forma de dominação e existem em qualquer classe social, entre todas as raças, etnias e faixas etárias. Sua expressão maior é o machismo naturalizado na socialização que é feita por homens e mulheres.

- **Violência racial**

Uma das mais cruéis e insidiosas formas de violência cultural é a discriminação por raça, e no Brasil essa manifestação é freqüente e ocorre principalmente contra a pessoa negra e tem origem em valores arcaicos do período colonial escravocrata. Estudiosos mostram que geralmente a violência racial vem acompanhada pela desigualdade social e econômica, que se traduz no Brasil em menor acesso a escolaridade e menores salários, além de condições de vida mais precárias, os negros possuem menor escolaridade e menores salários. Vivem nas periferias das grandes cidades e estão excluídos de vários direitos sociais. Também morrem mais homens negros do que brancos e se destacam os óbitos por transtornos mentais (uso de álcool e drogas), doenças infecciosas e parasitárias (de tuberculose a HIV/AIDS) e homicídios (Batista, 2005).

2 - Conceituando Estado: Polissemia em diferentes concepções

Para compreender como a questão da violência se relaciona a questão da comunicação e da mídia, optamos por discutir alguns conceitos fundamentais que poderão contribuir para analisar a questão. Consideramos que as discussões sobre Estado, Ideologia e Hegemonia são fundamentais para análise do problema da violência e mídia, assim como, o próprio conceito de mídia e de mídia alternativa e como eles se articulam aos conceitos citados inicialmente.

A definição do termo Estado é ampla, e abrange diferentes concepções. É o que observamos em algumas definições existentes no dicionário de *Michaelis*, que entre outras demonstra a amplitude do termo:

Es.ta.do

sm (lat statu) 1 Modo de ser ou estar. 2 Condição, disposição. 3. Modo de existir na sociedade; situação. quatro Situação em que se acha uma pessoa. 5 Fís Maneira de ser que a matéria ponderável apresenta: Estado sólido, líquido, gasoso. 6 Posição social; profissão. 7 Ostentação, magnificência. 8 Registro. 9 Inventário. 10 Nação politicamente organizada por leis próprias. 11 Terras ou países sujeitos à mesma autoridade ou jurisdição. 12 Conjunto de poderes políticos de uma nação. 13 Divisão territorial de certos países, como o Brasil, os Estados Unidos. E. autoritário: o que reclama para si poderes absolutos. E. civil: situação jurídica de uma pessoa dentro da família e da sociedade, resultante de filiação, nascimento, sexo etc. (casado, solteiro, viúvo, filho legítimo, filho natural etc.). E. estado caracterizado pela existência real de hostilidades armadas entre nações, independente de declaração de guerra formal de uma das potências em conflito; b) estado legal que surge pela declaração formal de guerra, independente da ocorrência de hostilidades armadas e cujo fim tem de ser proclamado por uma declaração semelhante; c) de paz: natureza das relações não hostis entre duas

ou mais nações. E. de sítio: prevenção armada, não só em ocasião de guerra, mas também de paz, desde que haja receio de revolta, atentado ou dissensão intestina; suspensão das leis ordinárias de um país e sua sujeição temporária a um regime militar, semelhante ao que se exerce em praça de guerra sitiada.. imperialista: o que antepõe suas ambições a suas presentes necessidades, aos direitos das demais nações etc. E.-maior: a) corporação de oficiais militares especializados que não comandam diretamente, mas que têm a seu cargo tudo o que diz respeito à estratégia; b) corporação de oficiais de um regimento, batalhão etc; cortejo de uma personalidade importante.. E. totalitário: novo tipo de regime político, em que há um só partido, que se confunde com o próprio Estado, personificado no chefe supremo do governo, em cujas mãos se concentram todos os poderes e a chefia do partido. Homem de estado: estadista.. Os três estados: o clero, a nobreza e o povo.

Como podemos observar, há várias formas de se explicar o termo Estado, mas na ciência política o conceito é impreciso. É comum relacionar o termo Estado ao de governo, com estado-nação ou estado país, ou até mesmo ligado ao regime político, ou ao sistema econômico. Neste trabalho o conceito será diferenciado de governo, ou de um regime político, de estado- nação. O Estado é uma parte da sociedade, que se refere a uma estrutura política e organizacional que sobrepõe à sociedade, ao mesmo tempo em que dela faz parte. O sistema capitalista ao ser gerado como um sistema social passa a constituir uma hierarquia, dividindo a sociedade em classes, a classe trabalhadora e a detentora dos meios de produção, a burguesia. A burguesia que constitui a classe hegemônica necessita de condições políticas para apropriar-se do excedente econômico.

Em primeira instância, hegemonia significa simplesmente liderança, derivada diretamente de seu sentido etimológico (do grego "*hegemon*" = líder). O termo ganhou um segundo significado mais preciso desenvolvido por Gramsci para designar um tipo particular de dominação. Nessa acepção hegemonia é dominação consentida, especialmente de uma classe social ou nação sobre seus pares. Na sociedade capitalista, a burguesia detém a hegemonia mediante a produção de uma ideologia que apresenta a ordem social vigente, e sua forma de governo em particular, a democracia, como se não perfeita, a melhor organização social possível. Quanto mais difundida a ideologia, tanto mais sólida a hegemonia e tanto menos necessidade do uso de violência explícita. O termo "Hegemonia mundial" refere-se ao domínio do mundo por parte de uma única nação ou grupo de nações.

Nesse contexto o estado-nação é a entidade política soberana que é constituída por uma população que habita certo território, que teoricamente tem seus direitos iguais,

por outro lado, se costuma distinguir o Estado e a sociedade civil. A sociedade civil é constituída pelas classes sociais e grupos, que têm um acesso diferenciado ao poder político efetivo, enquanto o Estado é a estrutura organizacional e política que representa essa mesma sociedade. Essas relações na concepção do liberalismo econômico, conforme discutiremos posteriormente é fruto de um contrato social, um pacto-político, que garante a legitimidade do governo. Em outras palavras a sociedade civil é o povo e o Estado é o aparato organizacional e legal que garante a apropriação individual dos meios de produção, da terra e das propriedades, e conseqüentemente do capital.

Podemos pensar no Estado como coisa pública, *res publica*. O Estado teoricamente é o espaço da propriedade pública, sendo este também detentor de patrimônio e de um fluxo de recursos financeiros originados dos impostos. Na verdade o conceito de coisa pública, *res publica*, é mais amplo que o Estado, pois inclui o público não estatal: “a coisa pública é a propriedade de todos para todos”. O Estado entendido como *res publica* corresponde a uma definição parcial de Estado, onde a relação entre o Estado e sociedade é baseada em uma organização que envolve os governantes “Estados” e os cidadãos “Sociedade”. O surgimento do Estado ocorre pela necessidade de mediação de conflitos e de construção do sentido de coletividade, sendo que várias teorias embasam a concepção do Estado moderno e constituem argumentos para legitimação e questionamentos sobre a fundamentação dessa estrutura na sociedade atual. Entre essas teorias, destacamos as concepções Liberais e Marxistas.

Na concepção liberal, a obra clássica de John Locke (O governo do Estado civil) e Thomas Hobbes (Leviatã), fundamenta essa forma de compreensão sobre o Estado moderno, ainda hoje presente em nossa sociedade. Nessa concepção, cabe ao Estado reconhecer e garantir o direito do cidadão e a relação entre Estado e sociedade, amparados em um “contrato social”, onde todas as instituições políticas são legitimadas pelo governo, e daí o cidadão é obrigado a cumprir leis, formando assim, o pacto-constituente. Nesse contexto, o desenvolvimento econômico quando acontece, amplia a capacidade política da sociedade, para que os indivíduos tenham direitos e aumentem sua participação na defesa dos próprios direitos. No entanto, alguns autores como Virgínia Fontes (2009), com base em uma concepção Marxista discordam dessa abordagem:

"Locke (1632-1704) manteria essa noção de 'natureza humana', agregando a propriedade como seu atributo fundamental. Como

decorrência, o Estado tornava-se o garantidor da propriedade. Hoje sabemos que nenhuma evidência histórica lastreia essa suposição de guerra contra todos. As sociedades sem Estado jamais foram marcadas por violência interna similar e, ao contrário, seus integrantes mantinham relações bem menos tensas.” (Fontes, 2009)

O Estado na concepção liberal tem a função de organiza à sociedade civil em seu território, poder do estado é exercer e visando garantir a realização:

- Definir as leis do país e impor a justiça
- Manter a ordem: defesa externa e poder de polícia
- Estabelecer, cobrar tributos e administrar os recursos públicos
- Garantir os direitos individuais e coletivos
- Ordenar as relações de trabalho e do emprego
- Organizar o espaço territorial terrestre, aéreo e marítimo
- Funcionar como base de sustentação para as transações financeiras, patrimoniais, comerciais e de relações internacionais
- Promover o bem-estar social
- Garantir renda mínima, alimentação, saúde e educação do cidadão.

A concepção de Estado nas obras de Karl Marx surge a partir da análise da propriedade privada e da divisão social do trabalho na sociedade capitalista. Nessa concepção, o Estado, criaria as condições necessárias para o desenvolvimento das relações capitalistas, onde o Estado moderno funcionaria como um comitê executivo das classes dominantes, a chamada burguesia.

Outros autores, com base na teoria Marxista, deram continuidade a essa discussão e desenvolveram concepções teóricas importantes que contribuíram para o desenvolvimento do tema. Antonio Gramsci (1891-1937), A partir do conceito de hegemonia, bastante relacionada sua concepção do Estado capitalista, discute que, o poder é exercido tanto mediante a força quanto o consentimento. O Estado não deve ser entendido no sentido estreito de governo. Gramsci divide-o entre a sociedade política, que é a arena das instituições políticas e do controle legal constitucional, e a sociedade civil, que se vê comumente como uma esfera privada ou não-estatal, e que inclui a economia. A primeira é o âmbito da força e a segunda do consentimento.

3 – Cultura e Poder

A cultura é uma preocupação atual, em que o conceito busca explicar os muitos caminhos que conduziram os grupos humanos as relações presentes e suas perspectivas de futuro. A história mostra como a cultura mudou com o decorrer dos anos, seja movida por forças internas, seja em consequência de conflitos. Para discutir cultura temos que levar em consideração a diversidade de grupos existentes e a riqueza que cada grupo apresenta, são complexas as realidades dos agrupamentos humanos e as características que os unem e diferenciam, e a cultura as expressa.

As diferentes realidades culturais têm sua lógica interna, a qual devemos buscar conhecer, a fim de compreender o sentido de suas práticas, costumes, concepções e transformações. As variações nas formas de família, ou nas maneiras de habitar, de ser vestir, ou de distribuir os produtos do trabalho, são entendidas nesse estudo, na maneira no modo como as diferentes formas de cultura contribuem para combater o preconceito, oferecendo uma base para o respeito e a dignidade das relações humanas. A compreensão de cultura exige pensar os diversos povos, nações, sociedades e grupos humanos, é o significado dessas interações. A discussão sobre cultura e suas diferentes formas na sociedade, pode nos ajudar a pensar sobre a nossa própria realidade social, a partir do olhar do diferente, do estranho.

Existem duas concepções básicas sobre cultura, a primeira concepção preocupa-se com todos os aspectos de uma realidade social, na qual a cultura diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência de um grupo ou nação, ou então grupos no interior de uma sociedade, e embora essa concepção de cultura possa ser usada de forma genérica, ela é a mais usual quando se fala de povos e realidades sociais diferente das nossas origens. A segunda concepção está se referindo mais especificamente ao conhecimento, às ideias e crenças, assim como às maneiras como eles existem na vida social.

4. O que é ideologia?

Há vários sentidos para palavra ideologia. Em sentido amplo, é o conjunto de ideias, concepções ou opiniões sobre algum ponto sujeito a discussão. Quando perguntamos qual a ideologia de um determinado pensador podemos estar nos referindo à sua doutrina, ao corpo sistemático de sua ideias e ao seu posicionamento interpretativo diante de determinados fatos. A ideologia seria, portanto, um ocultamento e não uma revelação da realidade, em que é justificando e legitimada a divisão de classes,

funcionando como um instrumento de dominação. Ao contrário do que pode parecer, ela não é uma construção consciente, uma invenção ou falsificação voluntária da realidade por parte dos dominantes. Na verdade ela é a visão que a classe dominante tem do seu modo de existência e da realidade, conforme próprias experiências e condições.

"Em Marx, haveria duas visões sobre a ideologia: a primeira concepção atribui um sentido negativo à ideologia, pois ela é identificada com a falsa consciência ou com as representações ilusórias da realidade; a segunda entende que o campo da ideologia é um lugar de lutas e conflitos" (Navarro, 2000)

A ideologia no Estado é instituída por meio de um corpo de leis que serve de base para o Direito. Mas estas leis, essas leis se sustentam em ideias, que muitas vezes, não correspondem à realidade histórica do povo ou apenas ficam no papel, sem nunca serem colocadas em prática. No entanto, contraditoriamente o Estado é apresentado como defensor do bem comum.

CAPÍTULO 2 - A MÍDIA HEGEMONICA E A MIDIA ALTERNATIVA NA ATUALIDADE

A partir do século XX, ocorreu um desenvolvimento tecnológico nos meios de comunicação, que provocou mudanças radicais na forma como a informação é gerada, propagada e absorvida. O crescimento dos meios de comunicação fez com que a notícia passe a ser tratada como um bem simbólico, produto com valor econômico, onde existem interesses políticos, financeiros e de ideais.

Para alguns autores, como Bucci & Kehl (2004), o fenômeno da comunicação de massa é tão importante que nos dias atuais, o espaço público se confunde com o espaço da mídia. Nessa perspectiva, estar fora da mídia é como se não fizesse parte da vida social. Segundo ao citar Bourdieu (1997), autor francês que discute entre outros assuntos a lingüística, discute que compartilha do mesmo pensamento, e argumenta que a seleção do que é apresentado está a serviço da manutenção simbólica da sociedade. Ele analisa como as imagens, pensamentos e sentimentos, que não coadunam com a manutenção da ordem simbólica são excluídos e bloqueados. Violência simbólica se exerce nas relações sociais e em especial na comunicação pela mídia.

“Existir é, antes de mais nada, apresentar a própria imagem para o Outro. O que equivale a dizer, para um adulto que já tenha ultrapassado as fronteiras dos complexos familiares, que existir é apresentar a própria imagem no espaço público. É no espaço público que o sujeito atesta que sua existência faz alguma diferença. (...)” (BUCCI; KEHL, 2004, p.150)

A mídia é o meio de comunicação em massa, é todo suporte de difusão da informação que constitui um meio intermediário de expressão capaz de transmitir mensagens, abrangendo o rádio, cinema, televisão, *internet*, jornal, imprensa, e os meios eletrônicos. Está inclusa em nosso cotidiano constantemente, não importando por qual meio, está sempre presente, transmitindo a mensagem desejada para que o indivíduo absorva.

“tem-se já evidenciado a televisão, como o mais poderoso meio de comunicação de massas do século XX, quanto aos elementos que veicula e tendo-se em vista o alvo coletivo virtual. Ela seria uma espécie de liquidificador cultural, capaz de diluir cinema, teatro, música, literatura, tudo em um só espetáculo, fornecendo assim uma reforçada vitamina eletrônica para o público.” (Succi, 2003:2)

1- MÍDIA HEGEMÔNICA:

Os meios de comunicação, entre outros meios, permitiram a disseminação ideológica do que permite manter o poder das classes dominantes. Esta forma de dominação está presente em nossa sociedade desde antiguidade, como exemplo, na Grécia antiga onde havia debates e compartilhamento de interesse público, esse debate acontecia na cidade de Ágoras onde somente os cidadãos (homens, brancos e livres) poderiam emitir sua opinião. Ao longo dos tempos o avanço técnico permitiu a dominação e legitimação do poder de camadas da população sobre outros, tornando-os detentores de conhecimentos produzidos pela humanidade. Segundo (Kovach, 2003) “Os primeiros folhetins tipografados que surgiram nos bares londrinos no século XVII eram escritos e lidos pela pequena parcela alfabetizada”. Para Gramsci, a hegemonia de classes é consolidada por armas ideológicas e culturais.

“Com base no conceito de “hegemonia” desenvolvida pelo filósofo Antônio Gramsci, observa-se que a dominação ou liderança do Estado ou das camadas elitistas em uma sociedade não ocorreu só pela imposição militar e/ou econômica desses grupos, mas em conjunto com a sociedade que se submeteu a esses padrões. Ou seja, a hegemonia é consolidada com armas ideológicas e culturais como se fosse uma “vontade coletiva” sobre a ordem vigente”. (Moraes, 2010).

Dessa forma a mídia hegemônica é formada pela elite intelectual, econômica, políticas da sociedade e no Brasil não foi diferente. A elite também usufrui do avanço tecnológico para emitir informações e ideias das camadas de elite.

“Ainda hoje, a elite legitima seu poder através do monopólio dos meios de comunicação formando essa mídia hegemônica (também compreendida como mídia tradicional ou convencional) na qual as grandes empresas estão nas mãos das mesmas famílias por anos, como o caso do jornal paulista “Estadão” com a família Mesquita, o jornal “Folha de S. Paulo” com os Frias, a Rede Globo com os Marinho entre outros conglomerados” (Velooso, 2009).

A dominação informacional acaba transformando as notícias em moedas de troca para que a camada elitizada possa usufruir dos benefícios e até mesmo entre o jornal e seus anunciantes, essas são as amarras capitalistas que cercam as empresas jornalísticas.

“Diante desse panorama em que os jornais optam pela audiência ao invés do compromisso social das informações disseminadas, o público começa a desconfiar sobre a veracidade das notícias e valores da imprensa” (Siqueira, K. *apud* Ramonet, 1999; Kovach e Rosentiel, 2003).

2 MÍDIA RADICAL ALTERNATIVA OU CONTRA HEGEMÔNICA:

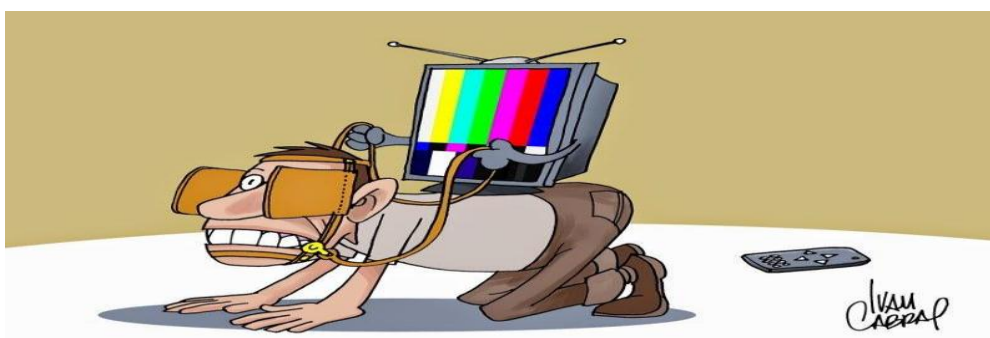
As mídias alternativas não são encontradas em programas televisivos, ou em colunas jornalísticas renomadas do jornal impresso, elas são encontradas nas ruas, nas rádios comunitárias, em uma pintura nos muros, nos vídeos na *internet*, em canais na internet, entre outras formas.

Antes, porém de discutirmos o que é a mídia radical alternativa, deve-se ampliar o conceito de “mídia”, considerando-a não apenas como meio de divulgação de notícias, mas como considera alguns autores, englobando todas as manifestações culturais que envolvem emoções e reflexões. Como discute John Downing (2002), em seu livro “Mídias Radicais”, a mídia engloba todas as expressões sociais, como dança, teatro, músicas, *cartuns*, murais, grafites, vestuários, entre outras. A oposição a mídia hegemônica é possível porque as forças contra-hegemonicas conseguem inserir brechas na ideologia dominante, fazendo valer as suas lutas. O papel da mídia radical pode ser visto para muitos, como a possibilidade de quebrar o silêncio, refutar as mentiras e fornecer a

verdade, construindo assim, um movimento contra-hegemônico.

No entanto, não se pode confundir a mídia alternativa radical com os movimentos de esquerda existentes na sociedade, ela questiona o *status quo*. A expressão mídia radical não se prende a formatos, ou estereótipos, tipos e linguagens, ou a tecnologias mais avançadas, mas refere-se à contraposição a ordem vigente. A mídia Alternativa também usa uma forma de emitir as mensagens ao público de uma forma diferente, conforme observamos na imagem a seguir:

- **Imagem 1 - A imagem mostra como que a mídia televisiva está alienando o ser humano**



Fonte: <http://bethmichel.com.br/?p=5964>

- Imagem 2 - Esta imagem apresenta como a informação é transmitida de acordo com o interesse de cada um.**



Fonte: internet

As imagens apresentadas acima mostram que a realidade pode ser distorcida pelo interesse de quem detém a informação. Muito cuidado quando formar alguma opinião baseada na imagem que a mídia te mostra. Pois os interesses envolvidos por trás

de cada uma dessas imagens convêm a quem as divulga, e de certa forma manipula dentro de sua própria moradia, através dos meios de comunicação.

2.3 DOCUMENTÁRIO: "ENTRE MUROS E FAVELAS."

Buscando discutir uma expressão de mídia em que a questão da violência é abordada, apresentamos um resumo da sinopse do longa metragem “Entre Muros e Favelas”, conforme segue a seguir:

O longa-metragem colorido, que foi realizado em 2005 em uma parceria com Brasil/Alemanha, com direção, câmera e edição de Susanne Dzeik, Márcio Jerônimo e Kirsten Wagenschein. Produzida por A Trever, Ak Kraak e TV Tagarela, a obra é bastante forte, estarrecedora até. Não é fácil encarar os 55 min do filme sem desviar os olhos. Mas indubitavelmente é uma realidade que precisa ser vista. O filme tem como intenção de mostrar através da mídia o preconceito e a opressão que os moradores das favelas do Rio de Janeiro, e os fatos mostrados no mesmo são baseado em fatos reais, especificamente nas comunidades do Borel, Mandela e Caju.

A cidade do Rio de Janeiro hoje é composta por aproximadamente 600 favelas cerca de um terço da população, logo é uma parte da população bem significativa. Nas décadas de 40 e 50 foi o primeiro grande fluxo migratório na época de industrialização do país principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo. O segundo grande fluxo migratório aconteceu na década de 70 durante a ditadura militar, e incentivada por veículos de comunicação em massa como a Rede Globo de televisão que transmitia para população que o sudeste brasileiro era o paraíso, para poder quebrar os movimentos comunistas da época. Mas a pergunta é para onde essa população vai? Onde morar? Pois moradia regular para elas não existia. Daí surgiram as favelas, na qual a classe rica tenta combater a todo o momento, mas que nascia da própria burguesia.

Os Favelados que não conseguiam obter um emprego pago pela classe rica ou não se sujeitavam a trabalhar pra elite por salários de fome pagos pelos mesmos, logo eram atraídos pelo tráfico de drogas.

“O descaso do Estado com esse panorama problemático é facilmente perceptível com a inércia e/ou morosidade em implementar políticas públicas de concreto efeito de combate às mazelas sociais, quais sejam, políticas públicas que propiciem qualidade de vida as

populações economicamente vulneráveis, que efetivem direitos humanos fundamentais, tais como, saúde, saneamento, lazer, esporte, segurança pública, emprego, educação, acesso aos meios de comunicação.” (MIRANDA, Fernanda, 2009)

No documentário não é criado um estereótipo do morador de favelas, e não mostra necessariamente que é bom, cheio de qualidades nobres, como fazem algumas telenovelas globais. O documentário mostra como de fato o pobre é, e através do documentário dá a oportunidade do pobre se expressar e mostra pro mundo a sua realidade o que cada um vive.

Consideração Finais

Mesmo sendo um mero entretenimento, o tema da apresentação da violência nos meios de comunicação gera polêmica. Muitas vezes, com o pretexto ético de discutir ou, em alguns casos, impor quais as “reais funções da mídia”, o debate é alimentado por atores sociais com interesses específicos de diversas naturezas: econômica (empresários de comunicação, anunciantes, publicitários), política (profissionais e não profissionais que se posicionam sobre o tema visando proveitos políticos), acadêmica (pesquisadores interessados em descobrir os efeitos sociais próprios deste ou daquele informativo ou ficcional), de competição entre os profissionais da mídia, etc.

A forma que o jornalismo trata da violência não pode ser dada indiscutivelmente como uma forma real. Os delitos e crimes apresentado ao público são quase que inacreditáveis, pois são os mais fantásticos, extraordinários e intrigantes que se tornando quase que impossível de se acreditar. A mídia traz em foco o estado emocional da pessoa que foi agredida, o que também ajuda a aumentar o índice de audiência. A violência é mostrada na mídia com um alto índice de dramatização e manipulação dos fatos ocorridos que também é direcionado de acordo com audiência apresentada. Para o espectador é oferecido o que de mais interessante tem na cobertura jornalística, um assalto simples ou um assassinato sequer é apresentado pela mídia, sendo que a mesma sempre procura os assuntos mais alarmantes para ser apresentado, a fim de comover ou incitar a população, como nos casos de adolescentes e crianças que sofreram abusos sexuais; adolescentes que matam os próprios pais, namoradas; crianças espancadas e assassinatos e crimes passionais, o que à vista de um cidadão comum é um crime bárbaro.

A situação mais crítica se encontra nos programas e veículos pautados por uma linha sensacionalista. Esse grupo continua indiferente às iniciativas de qualificação do exercício jornalístico e mantém conscientemente uma postura editorial que não contribui para o combate à violência. Os programas do gênero policial, produzidos por diversas redes de televisão brasileiras, têm alcance nacional e são imitados por emissoras regionais.

A mídia traz em foco o que para a mesma é favorável e a mídia alternativa relata o que as grandes mídias omitem, mostrando assim, diferentes visões da situação que está sendo apresentada ao público. A mídia alternativa busca inovar as questões que está sendo tratada e em que conceito está inserido o agressor e o agredido, podendo até mesmo inverter os papéis, um exemplo dessa situação foi às manifestações de junho, onde a mídia alternativa relatou situações que as mídias tradicionais não transmitiram ao espectador.

Os crimes de fato acontecem, mas o que pretendemos discutir nesse trabalho é o contexto e a intencionalidade da difusão de cada informação trazida pela mídia para sociedade. De um modo geral, a população não percebe essas estratégias midiáticas, que estão inclusas em nosso cotidiano a todo o momento, na medida em que a mídia explora os casos mais bárbaros à exaustão, e isso em nome da suposta paz mundial e do alerta às autoridades. Para apresentar os crimes, não se anuncia apenas o ocorrido, é mostrado o estilo de vida do criminoso, como a vítima sofreu, chegando ao ponto de mostrar detalhes do sangue, fotos da vítima, a família emocionada, e se possível apresentando o julgamento judicial do acusado, obviamente depois do acusado ter passado por todo o julgamento que a sociedade apresenta. É o que observamos no artigo sobre o desafio da violência na sociedade brasileira, em que se discute a importância da mídia diante do tema.

A mídia tem usado a violência em troca da audiência o que faz com que venha a cometer grandes atrocidades, justificados pela necessidade de informação a população. O agressor frequentemente é apresentado como o causador exclusivo do ato pela mídia sem que a situação seja analisada em seu contexto, fazendo com que o aspecto principal a ser analisado seja a condição psicológica do agressor, não os motivos que o levou a cometer o ato de violência. Na atualidade os meios de comunicação se tornam cada vez mais presente no cotidiano do indivíduo. Um desses meios que tornam que está

ativamente no dia-a-dia do brasileiro é a televisão que cada vez mais “invade” as residências.

A televisão, mesmo que de uma forma mais sutil, tenta a todo o momento alienar e mostrar ao telespectador o que está acontecendo a sua volta, podendo ser de forma humorística, um telejornal, até mesmo através de um programa de esporte. Os Filmes, jogos de videogame, violentos hoje apresentados como uma forma de entretenimento, que também podem incentivar o ato de violência.

No Brasil, a questão da violência, sobretudo os homicídios a principal causa de morte na faixa etária de 15 a 19 anos, tem levado setores da sociedade a questionar o papel de instituições que, de alguma forma, são responsáveis direta ou indiretamente tanto pela proteção quanto pela transmissão de valores morais e éticos a crianças e adolescentes. Os meios de comunicação certamente estão entre elas, pois fazem parte do processo de socialização de meninos e meninas brasileiros e têm a importante função de levantar os temas que serão debatidos na sociedade.

Os estudos sobre as implicações dessa presença massiva das mídias no crescimento e desenvolvimento de crianças e adolescentes ainda são escassos e descontínuos. Alguns poucos profissionais da área da saúde e da educação têm abordado a questão, sobretudo relacionada à formação psicossocial desse grupo. Diversos autores questionam os modelos que a sociedade brasileira, em crise de valores éticos, sociais, morais e de qualidade nas inter-relações, tem oferecido aos jovens – que muitas vezes não têm sequer na família modelos positivos para se espelhar.

Essas mudanças também estão relacionadas à velocidade e à massificação de informações pelos meios de comunicação. Na visão de alguns psicanalistas, tais processos levam a reações defensivas, de indiferença e de esgotamento afetivo dos indivíduos, dificultando especificamente o processo de identificação da criança pela complexidade e contradição dos valores apresentados.

Neste trabalho foi apresentado duas diferentes formas de mídia existentes na sociedade, porém não pretendemos aqui defender algum tipo de mídia, pois nem sempre a mídia alternativa está ali para mostrar o lado real, pois também nesse meio de comunicação existem interesses, logo ela também pode vir a ser enganosa. Assim, como a mídia hegemônica ela também pode ser enganosa ou realista.

Tanto a mídia hegemônica, como alternativa podem utilizar o jornalismo investigativo como forma de estudo da matéria a ser passada para o espectador, o jornalismo investigativo (ou de investigação) refere-se à prática de reportagem especializada em desvendar mistérios e fatos ocultos do conhecimento público, especialmente crimes e casos de corrupção, que podem eventualmente virar notícia.

Em minha opinião o tema abordado neste trabalho é de alta relevância, pois é de interesse de toda sociedade, e considerando que mesmo convivendo diariamente com o problema, para uma boa parte da população brasileira a forma como a questão apresentada na mídia não é importante. Essa monografia foi de extrema importância em minha formação, pois pude perceber a sociedade em vivemos de uma forma diferente, na qual uma parte considerável da população brasileira não compreende.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Dayse Coelho de. O desafio da violência à sociedade brasileira. **Jus Navigandi**, Teresina, ano 8, n. 158, 11 dez. 2003. Disponível em: <<http://jus.com.br/artigos/4611>>. Acesso em: 31 out. 2015.
- ANDRIOLI, Antônio Inácio. Efeitos culturais da globalização. *Revista Espaço Acadêmico*, ano III, n° 26, julho, 2003. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/026/26andrioli.htm>>. Acesso em 02 outubro 2015.
- BRANCHER, Leoberto. Um novo olhar para a violência cotidiana. In: *Educação em Revista*, ano I, n° 64, v.11, p. 5. Porto Alegre, 2007.
- BRANCHER, Leoberto. Um novo olhar para a violência cotidiana. In: *Educação em Revista*, ano XI, n° 64, v. 11, p. 5. Porto Alegre, 2007.
- COELHO, Marcos de Amorim; TERRA, Lygia. *Geografia Geral – o espaço natural e socioeconômico*. São Paulo: Moderna, 2001.
- DIMENSTEIN, Gilberto. *O Cidadão de papel*. São Paulo: Ática, 2005. p. 13.
- GAUER, R. M.; GAUER, G. J. (orgs.). *A fenomenologia da violência*. Curitiba: Juruá, 1999.
- MINAYO, M. C. S.. *Bibliografia comentada da produção científica brasileira sobre violência e saúde*. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública, 1990, p. 263.
- MINAYO, M. C. S.. *Bibliografia comentada da produção científica brasileira sobre violência e saúde*. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública, 1990

Minayo, M.C. e Njaine K. A violência na mídia com tema da área da saúde pública: revisão de literatura , 2003.

Succi, M.A. A violência nos meios de comunicação e sua influência nos adolescentes, enquanto sujeitos sócio-históricos nos espaços de aprendizagem, 2003. disponível em: <http://faculdadeguararapes.edu.br/site/hotsites/publicacoes/download/adalgiza.pdf>. acesso em 30 de outubro de 2015.

UNICEF. Disponível em: www.unicef.org/brazil/pt/Cap_04.pdf, Acesso em 07 janeiro 2016.

VESENTINI, José William. Sociedade e espaço – geografia geral e do Brasil. São Paulo: Ática, 1999.

VESENTINI, José William. Sociedade e espaço – geografia geral e do Brasil. São Paulo: Ática, 1999.